



O Conflito Caim-Abel: Uma Leitura Exegético-Bíblica

Cain - Abel Conflict: A Biblical-Exegetical Reading

Júlio Franclim do Couto e Pacheco
Instituto Superior de Ciências Religiosas de Aveiro

PALAVRAS-CHAVE: BÍBLIA, CONFLITO, FRATRICÍDIO.

KEYWORDS: BIBLE, CONFLICT, FRATRICIDE.

No âmbito do Colóquio internacional “Caim e Abel: Família e Conflito” tem todo o sentido uma leitura exegético-bíblica do texto de Gn. 4, 1-16 que aparentemente narra a história do conflito entre dois irmãos que termina com a morte dum deles e o exílio do culpado. No fundo, procuramos saber: o que pretende o autor dizer com este texto, qual a sua mensagem?

O AUTOR

Há um princípio clássico para a interpretação da Bíblia que, parecendo banal, é fundamental para a compreensão de determinadas passagens: “A Bíblia explica a Bíblia”. Isto torna-se particularmente verdade para a análise do texto que pretendemos abordar, se não numa profundidade exegética, pelo menos tentando fazer aflorar a mensagem que o autor procurou transmitir. Se conhecermos o autor, mais fácil será perceber a sua mensagem. É isso mesmo que começaremos por fazer.

O nosso texto faz parte duma obra prodigiosa dum autor genial, anónimo, que viveu à volta de 950 a. C., ao tempo de Salomão. Convencionou-se chamar-lhe “Javista” pelo

facto de se referir ao Deus de Israel com o nome “Yahweh”, o que faz identificar facilmente os seus textos que hoje aparecem intercalados com os documentos da tradição eloísta, datada do séc. VIII e originária do reino do norte, e tradição sacerdotal, redigida no séc. V, após o exílio na Babilónia¹.

Ao ler, de forma seguida, o texto deste autor, não se pode deixar de relevar os traços característicos e os excelentes dotes de poeta, psicólogo e incomparável narrador. O Javista possui um vocabulário rico e evocador, pitoresco e imaginativo. Gosta das expressões concretas, de gosto local; recorre facilmente às etimologias populares que servem para imprimir na mente o valor dum acto, dum termo geográfico ou o papel dum personagem, através dos nomes impostos às pessoas no momento do seu nascimento.

Não obstante a aparente ingenuidade da sua narração, o nosso autor revela-se sensível à psicologia do homem. O Javista faz viver os seus personagens e põe em relevo a sua vida e o carácter de cada um.

Outros caracteres tornam típica a teologia do Javista: o acentuado antropomorfismo e o optimismo. É interessante ver a linguagem extremamente humanizada, viva e imaginativa, popular com que refere a Deus e à extrema familiaridade de Deus com o homem, apresentando-o a agir à maneira do homem.

O optimismo do Javista é expresso na sorte do homem. Mesmo que a situação pareça desesperada, existe sempre um caminho de saída. Eva seduziu e arruinou o homem, mas é também a mãe de todos os viventes. O dilúvio destruiu a terra, mas o arco-íris é o sinal de que não haverá mais dilúvio: a terra começa a repovoar-se, os descendentes de Jacob abençoados e fecundos na terra “próspera e vasta”.

É um tenaz defensor do ideal do deserto e tem uma admiração pela vida pastoril e pelos princípios de solidariedade típicos duma sociedade nómada. Porém, o Javista não se revela nem primitivo nem inculto. Vive na era do renascimento salomónico e escreve num ambiente e numa época em que circulam as obras clássicas de Babilónia e do Egipto.

¹ Este documento está presente de maneira predominante nos livros do *Génesis* e do *Êxodo* e, a partir do c. 10, no livro dos *Números*. São do Javista textos inesquecíveis e fundamentais como a criação do homem e da mulher e o seu pecado (Gn 2, 4b-3, 24), a morte de Abel (Gn 4, 1-16), a recordação dos gigantes e do seu orgulho, a corrupção da humanidade inteira (Gn 6, 1-8), o castigo do dilúvio (cc. 7-9, misturado com outra fonte), o orgulho da torre de Babel e dos seus construtores (11, 1-9). Está ainda presente nos grandes momentos do acontecimento do êxodo (cf. Ex 1; 2-5; 7-10; 12, 21-27; 16; 19, 20-25; 32, 1-28).

Conhece as mitologias orientais²; serve-se magistralmente dos símbolos do Paraíso, da árvore da Vida, da serpente, dos Querubins; conhece as narrações do Dilúvio, dos Gigantes pré-históricos, da fundação de Babel. O seu estilo é concreto, vivo, pitoresco, humano. Alguns dos seus quadros da vida patriarcal merecem um lugar na clássica literatura descritiva.

O autor conhece e refere na sua obra vários conflitos familiares, tais como:

- A crise conjugal entre Abraão e Sara, por causa de Agar (Gn 16, 5-6; 21, 9-21);
- Os conflitos entre Raquel e Jacob, porque ela não gerava filhos (Gn 30,1);
- Discórdias entre Jacob e seu sogro Labão, por causa dos rebanhos (Gn 31,1-55);
- O envolvimento de Diná, filha de Jacob, com Hamor e a consequente traição de Simeão e Levi (Gn 34, 1-31);
- O incesto de Rúben, filho de Jacob, com Bila, concubina de seu pai (Gn 35, 22);
- A rebeldia dos filhos de Eli (1Sm 2, 12-17, 22-24);
- O incesto entre Amnom e Tamar (2Sm 13, 1-14), filhos de David;
- O plano de Absalão para matar o seu irmão Amnom (2Sm 13, 23-29);
- A traição de Absalão (2Sm 15, 1-37) e Adonias (1Rs 1, 5-9), filhos de David; entre outros.

Mas a Bíblia também apresenta irmãos que discutem por vários motivos. Jacob procurou furtar a bênção de Esaú (Gn 27). Absalão odiou a Amnon porque David se recusou a puni-lo (2Sm 13). Salomão destruiu o seu irmão Adonias por suspeitar que este desejava o trono (1Rs 2, 19-25). Quando Jeorão subiu ao trono, matou todos os irmãos, para que nunca fossem uma ameaça para ele (2Cr 21, 4).

Às vezes os pais provocavam a rivalidade entre os filhos, como no caso da família de Isaac. A Bíblia diz que “Isaac amava a Esaú... Rebeca, porém, amava a Jacob” (Gn 25, 28). Quando Isaac desejou abençoar Esaú, Rebeca ajudou Jacob a obter a bênção para si. Esaú enfureceu-se e ameaçou matar Jacob que fugiu para um país longínquo (Gn 27, 41-43). A reunificação da família exigiu uma geração inteira. Infelizmente, Jacob não tirou proveito da lição dos erros de seu pai. Ele também favoreceu um dos filhos, dando a José a honra diante dos outros. Isto enfureceu de tal modo os restantes que tramaram matar o predilecto do pai. A Bíblia regista que “vendo, pois, os seus irmãos que o pai o amava mais do que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente” (Gn 37, 4).

² Os textos mesopotâmicos: “Enuma Elish”, “Epopéia de Atrañasis”, “Epopéia de Gilgamesh”.

O CONTEXTO

Depois da descrição do pecado original (c. 3), o autor sagrado apresenta, em três quadros, as consequências da luta, já anunciada por Deus, entre a semente de Satanás e a semente da mulher.

O c. 4 apresenta-se subdividido em três secções:

- a) uma história de Caim e Abel: vv. 1-16;
- b) uma genealogia cainita; vv. 17-24;
- c) um fragmento da genealogia setita: vv. 25-26

Examinando a primeira secção, vê-se que se desenvolve em duas formas diferentes:

- a) uma descrição do acontecimento (v. 3-5.8.14b.1-6), muito sumária, sem muito pormenores e com termos genéricos. É claro que este elemento narrativo na mente do autor é muito secundário e em função do elemento doutrinal seguinte.
- b) Uma segunda forma dialogada (vv. 6-7.9-15) que entra nos pormenores; tem um estilo solene, poético e ritmado. Sente-se que na mente do autor este diálogo constitui o ponto focal da narração. De facto, com este diálogo, o autor quer instruir o leitor sobre algumas verdades que lhe estão no coração: a sacralidade da vida; a consciência, como voz de Deus; o protesto contra o uso tribal da vingança do sangue, que quer substituir pela pena de exílio; mas especialmente o valor religioso das duas culturas em luta: a agricultura e a pastorícia.

A LUTA ENTRE CAIM E ABEL

(Gn 4, 1-16 - Tradição literária Javista)

O texto apresenta todas as características do género literário das disputas sapienciais entre dois tipos epónimos de duas culturas e dois géneros de vida diversos (pastores e agricultores) em relação com a religião. A luta material é somente um substrato para simbolizar uma luta superior.

I. *Introdução* (vv. 1-6). Nestes versículos ressentem-se os três elementos típicos do género literário da disputa³.

³ Os sumérios conhecem um género literário sapiencial chamado Adaman-du₁₁-ga, no qual dois ou mais pretendentes disputam para estabelecer o valor duma pessoa, duma coisa ou duma instituição. A introdução é sempre tripartida: quadro cósmico, distribuição das funções dos rivais, a ocasião do litígio. Cf. Testa (1966, pp. 157-166).

a) Quadro cósmico (vv. 1-2a). Começa a narração desde o início, colocando os dois rivais num ambiente sobre-humano e em relação com a divindade. O ambiente é a região do Éden, embora fora do jardim especial:

Adão conheceu Eva sua mulher, a qual concebeu e deu à luz Caim (*Qaîn*), disse: ‘Adquiri um homem por Yahweh’

Este primeiro filho recebeu da mãe⁴ o nome de *Qaîn*, que o Génesis liga, a partir dum jogo de palavras (etimologia popular) ao verbo *qānah*, “adquirir, possuir”.

De facto, em hebraico, o substantivo *qaîn* significa *ferreiro*. Este substantivo deriva da raiz verbal que significa “comprar, obter, fundar, criar, procriar”⁵. Daí a afirmação “adquiri um homem” e não “um filho”. O texto parece realçar que, embora Gn 2,23 tivesse dito que a “mulher foi conduzida ao homem”, o homem (Caim) provém da mulher e não o contrário (4, 1). Em todo caso, o texto valoriza o nascimento de Caim-homem.

Apesar de manifestar a sua alegria e gratidão pelo nascimento do filho, numa atitude de esperança promissora, esta não se irá realizar, não será esse o futuro de Caim. Ele não será abençoado. O insucesso será a sua sina. Deus age a favor de Eva e contra Caim.

O texto continua: “Depois ela deu à luz o irmão dele, Abel” (v. 2a).

Não tendo o segundo filho, no sistema de fratriarquia, muito valor, não é dada a explicação do nome Abel (*Hābel*), o que deu lugar a diversas hipóteses.

Uma primeira explicação lógica faz depender *Hābel* de *hēbêl*, que significa “vento, sopro, hálito, algo efémero, vazio, insignificante, fugaz, ilusão, luto, lamento, choro, desengano”⁶. Abel seria o representante da tragédia humana, na sua fugacidade. Assim, o nome dado ao segundo filho queria mostrar a fragilidade do ser humano, já no início da criação.

Outra explicação liga o termo *Habel* a outros vocabulários semitas que o apontam como “pastor de animais domésticos” (siríaco: *havolo* de rebanho; árabe: *'abbal* = “pastor de camelos”). Neste caso, Abel significaria “pastor”, em conformidade com a sua ocupação.

⁴ O facto de ser a mulher a pôr o nome ao filho denuncia um costume típico duma sociedade matriarcal, típica da civilização elamita (1800-1550). Cf. Gn 4, 26; 5, 29; 25, 25 sqq.; Ex 2, 22. No Elam, os direitos de sucessão legítimos eram em linha materna; também os hebreus, para estabelecer quem era hebreu, seguiam a linha de sangue materna e, em matéria de sucessão, para não dispersar as terras, seguiam a lei do levirato. Cf. N. Micoli, *Pagine di Storia*, pp. 9-10. In www.viruslibertario.it/Libri/pagine%20di%20Storia.pdf.

⁵ Vattioni (1955, pp. 220-228).

⁶ O livro do Eclesiastes, quando diz que “tudo é vaidade das vaidades” (Ecl 1, 1) usa o substantivo *habel*, no sentido de vazio. Cf. Salmo 144,4; Job 7, 16.

O texto afirma antes do anúncio do nome Abel que ele é irmão de Caim. O substantivo ocorre na passagem em questão nada menos que sete vezes,⁷ o que nos indica que este é um tema essencial.

A narração é sobre dois irmãos que se tornam rivais. Caim é o primogênito. No mundo semita, ser primogênito significa poder e privilégio na herança e bênção. A desilusão é a matriz da violência posterior.

b) *Distribuição das funções dos rivais* (v. 2b): “E Abel foi pastor de ovelhas e Caim foi agricultor”.

Abel, pastor de rebanho (*rô'eh tsô'n*), tinha a vida dos patriarcas nômadas que, com os seus rebanhos, se deslocavam, conforme as estações, à procura de pastos. Caim, por seu lado, era agricultor (*'obēd 'adāmāh* = “servo, escravo, da terra”) e, por isso, sedentário; este trabalhava a terra e sofria a pena infligida a seu pai, depois do pecado⁸.

Os escritores sagrados do Antigo Testamento têm um juízo diferente para cada um destes gêneros de vida. Enquanto o pastor e a pastorícia são habitualmente louvados, e a eles é comparado o próprio Deus⁹ no governo do seu povo (exemplo: “o Senhor é meu pastor, nada me falta”), o agricultor e a agricultura são frequentemente criticados, especialmente na corrente sapiencial¹⁰.

c) *O ocasião do litígio* (vv. 3-5):

Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao Senhor uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogênitos do seu rebanho e as suas gorduras. O Senhor olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e andava de rosto abatido.

⁷ Vv. 2a; 8a; 8b; 9a; 9b; 10; 11.

⁸ Gn 3, 17: “E ao homem disse: Porque obedeceste à voz da tua mulher, e comeste da árvore acerca da qual te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita será a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida”.

⁹ Especialmente Ez 34, 2-31; cf. Is 40, 41; Gn 48, 16; Sl 23, 1.

¹⁰ São conhecidas a este respeito as ideias do livro de Ben Sirá (38, 25-26): “Como pode ser sábio o que tem que manejar o arado, cuja glória é aguilhoar os bois, que se ocupa constantemente dos seus trabalhos e só sabe falar das crias dos touros? Ele põe todo o seu empenho em traçar os sulcos e o seu cuidado em engordar as bezerras”. Este desprezo explica-se porque estes põem a sua esperança na obra das suas mãos e não cuidam da Sabedoria; constroem a cidade e o bem estar material da humanidade, mas não o espiritual (cf. Ben Sirá 38, 11 sqq.).

No texto a ocasião da disputa fraterna é dada por uma dupla oferta. No final dum tempo estabelecido, talvez no fim do ano ou na época das primícias, cada um dos irmãos ofereceu em sacrifício ao Senhor os produtos do seu trabalho; mas parece que o espírito e a oferta de ambos foram bem diversos, pois Deus *olhou favoravelmente* para Abel e para o seu sacrifício, mas *não* para Caim e o seu dom.

Numa análise simplista do texto, poder-se-ia argumentar que Abel teve o cuidado de oferecer os *primogénitos* pertencentes, segundo um antigo uso¹¹, ao Senhor, enquanto Caim, visto que não aparece o termo no texto¹², não teve o cuidado de oferecer as *primícias* dos seus campos. Assim entende a tradição hebraica¹³ que condena Caim por ter oferecido dons de fraca qualidade, enquanto a tradição cristã mais antiga¹⁴ prefere salientar as disposições interiores de cada um deles: de justiça e simplicidade em Abel e de malícia em Caim.

A aprovação divina ou reprovação parece estar na natureza diferente das ofertas: a de Caim corresponde à oferta incruenta do agricultor, chamada *minhâh*, e a de Abel é o sacrifício cruento por parte do pastor. Efectivamente, a etnologia assegura-nos que tal diferença entra no quadro geral das duas espécies de civilização, a agrícola e a pastoril, o que constitui já uma chave de leitura do texto.

O culto fenício-cananeu, ligado essencialmente ao trabalho de agricultura, com os consequentes ritos de fecundidade, privilegiava a oferta dos produtos da terra. Por isso, progressivamente, o ritual sacerdotal hebraico foi reduzindo esta oferta incruenta, a *minhâh*, a um sacrifício complementar dos sacrifícios cruentos¹⁵. Assim, na aprovação do sacrifício cruento do pastor Abel, está implícita a reacção do sacerdócio levítico contra os sacrifícios

¹¹ Cf. Ex 22, 29; 34, 26.

¹² Cf. Ex 23, 19; 34, 26; Dt 26, 10: “primícias dos frutos da terra”.

¹³ Cf. Ber. R. XXII, 5. “Os rapazes cresceram e o seu pai deu a cada um a sua porção sobre a terra: Caim dirigiu-se para o solo e fez-se lavrador, mas Abel foi pastor. Um ano e um dia depois, os rapazes trouxeram ao Senhor, em oblação, Caim os frutos dos campos, e Abel os primogénitos do seu rebanho e a sua gordura. E o Senhor olhou para a oferenda de Abel, e dos céus desceram chamas que a consumiram. Mas para a oferta de Caim o Senhor não olhou, porque ele trouxera as frutas secas. Então Caim ardeu de inveja de seu irmão e procurou um motivo para o matar”.

¹⁴ Cf. Ireneu, *Adv. Haer.* IV, 18, 3.

¹⁵ O sacrifício da manhã e da tarde (Ex 38 sqq.; Nm 28, 5), os sacrifícios das festas da Páscoa (Nm 28, 26; Lv 23, 13); da festa do Pentecostes (Lv 23, 16; Nm 28, 26.28); da festa das Aclamações (Nm 29, 3.6); da festa da Expição (Nm 29, 9.11); da festa dos Tabernáculos (Nm 29, 14) e do Sábado (Nm 28, 9); os sacrifícios pelo pecado e pelos delitos (Lv 7, 11); pelo ciúme (Nm 5, 25; 6, 15); pelo leproso (Lv 14, 20); pelo levita (Nm 8, 8); pelo sacerdote (Lv 6, 19.23); e pelo Nazireu (Nm 6, 17).

populares cananeus, nascidos num ambiente agrícola, para obter a protecção de Baal e de Astarte, dispensadores da fertilidade. Deus não podia ver com bons olhos este tipo de culto.

II. *A disputa* (vv. 6-8):

O Senhor disse a Caim: “Porque te irritas? E porque está o teu rosto abatido? Se fizeres o bem, tu o levantarás, e se não fizeres o bem, o pecado jaz à tua porta como um animal acuado que te deseja. Mas tu, domina-o”.

Entretanto, Caim disse a Abel, seu irmão: “Vamos ao campo”. Porém, logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o.

Embora de forma breve, o autor apresenta-nos os autores da luta: primeiro Deus e Caim, depois Caim e Abel.

O texto mostra um diálogo imaginário entre Deus e Caim, que, realmente, é a voz interior que está dentro de cada ser humano. A pergunta de Deus coloca Caim entre dois caminhos: Caim deve agir com justiça, isto é, fazer o bem, e esperar pela acção, também justa, de Deus. O agir bem provoca, naturalmente, a alegria no rosto e cabeça levantada. A boa acção de Caim fará dele um ser humano bom e alegre. A tristeza no seu rosto é o sinal evidente de que ele está a agir mal.

O agir mal de alguém transforma-se num animal acuado à porta de casa, à espera de dar o salto. O animal acuado é o símbolo do perigo, da tentação que deve ser dominada. Ele mora dentro de cada um de nós, sempre pronto para atacar. Assim também ocorreu com o símbolo/ serpente e Eva. Basta que eu deseje o que outro tem ou me sinta lesado nos meus direitos, para que o animal entre em acção.

Caim não resistiu e mata o irmão.

III. *O juízo* (vv. 9-13): o fratricídio¹⁶ e suas consequências:

⁹ Yahweh disse a Caim: “Onde está o teu irmão Abel?”

Caim respondeu: “Não sei dele. Eu sou guarda do meu irmão?”

¹⁰ Yahweh disse: “Que fizeste?”

¹⁶ O assassinato de Abel pode ser interpretado não somente como um fratricídio, mas também, indirectamente, como um parricídio. Rejeitado pelo pai (simbolizado em Deus), que não se agradou da sua oferta, Caim resolve matá-lo. Na impossibilidade de atingi-lo directamente, mata-o de modo simbólico, destruindo o seu filho Abel pelo qual fora preterido.

A voz do sangue do teu irmão grita da terra até mim.

- ¹¹ Agora, és maldito e expulso do solo fértil que abriu a boca para receber de tua mão o sangue do teu irmão.
- ¹² Ainda que cultives o solo, ele não te dará mais do seu produto. Serás um fugitivo e errante (nā' wā-nād) sobre a terra".

Yahweh toma a defesa de Abel, cujo sangue está a gritar ao céu, a partir da terra; depois, pronuncia a condenação contra o fraticida e contra a agricultura. Apesar de Abel ter sido morto, ele continua a viver no seu sangue que grita e obtém vitória.

Antes de mais, tal como em Gn 3, 9 sqq., Deus interroga o culpado para que se arrependa. O interrogatório é baseado na lei da fratriarquia¹⁷, segundo a qual o primogénito deve cuidar do bem dos irmãos.

Mas Caim renegou este dever fraterno e, arrogantemente, responde: "Não sei dele. Eu sou guarda do meu irmão?". Esta resposta insolente, comparadas com as desculpas embaraçadas de seus pais¹⁸, sublinha que o domínio do Maligno fez progredir muito o mal de Caim. A pergunta retórica feita por Caim, além de insolente, revela uma certa ironia: "eu não tenho que ser guarda de quem é guarda das ovelhas; quem cuida ovelhas que também cuide de si".

Porém, se Caim pode esconder o seu delito mentindo ao dizer que ignora onde se encontra o seu irmão, nunca poderá calar o grito do sangue por ele derramado¹⁹. Pertencendo a Deus, o sangue-vida "grita" a Ele por vingança²⁰.

Dt 21, 1-9²¹ fala dum rito que deveria ser realizado para livrar-se do sangue de alguém que foi assassinado no campo. Isso impediria a reivindicação da justiça por outrem. No

¹⁷ Em relação com a cultura do matriarcado está a fratriarquia, chamada *aḥḥūtu* e *aḥatūtu* pelos assiro-babilónicos. Neste regime o primogénito é considerado como chefe, (*hār'ôš* - 1Cr 26,10), como senhor (*ghevīr* - Gn 27,29), como irmão grande (*ha'āh haggādōl*). O segundo filho é um *mišnehū*, um vice do irmão mais velho, um vicefratrilarca (1Sm 8, 2; 1Cr 5, 12).

Em Gn 4, 1 Caim aparece sem mais como chefe, dado que em Gn 4, 2 Abel é acrescentado a ele.

¹⁸ Gn 3, 9 sqq.

¹⁹ Cf. Is 26, 21; Ez 24, 7 sqq.; Job 16, 18.

²⁰ O termo "grita" é um termo técnico e legal para indicar o grito de socorro e de ajuda, no caso de alguém procurar a salvação: Gn 18, 20; 19, 13; Ex 3, 9; 21, 22.26; Dt 22, 24-27; 1Rs 20, 39; 2Rs 4, 1; 6, 26; 8, 3; etc..

²¹ Dt 21, 1-9: ¹"Quando, na terra que o Senhor, teu Deus, te há-de dar para dela tomares posse, encontrares um cadáver caído no campo, sem que se saiba quem o matou, ²os teus anciãos e os teus juizes irão medir a distância que separa o cadáver das cidades dos arredores. ³Determinada a cidade mais próxima do cadáver, os anciãos dessa cidade tomarão uma novilha que ainda não tenha lavrado nem puxado ao jugo. ⁴Eles mes-

nosso texto, é o próprio sangue derramado que é utilizado para anunciar a sanção, a sentença ao culpado Caim. E a sentença vem em forma de maldição.

Tal como a serpente, instrumento do Maligno, foi amaldiçoada em Gn 3, 14, assim agora é amaldiçoado Caim, tornado também ele instrumento do Maligno. Como consequência desta maldição, por causa do sangue, a *adâmāh*, isto é o terreno cultivado, torna-se estéril. Desta forma, a maldição de Gn 3, 17²² após o pecado de Adão e Eva é aqui agravada, porque antes a terra amaldiçoada, embora com fadiga, continuaria a dar a Adão o pão para a sua vida, mas a partir de agora o solo cultivado não daria mais o seu produto a Caim.

Assim, Caim deveria deixar de ser agricultor e iniciar uma vida nómada, muito mais do que levava em vida o seu rival pastor. “Tu serás um errante e vagabundo”, isto é, deverás andar de terra em terra, sempre estrangeiro, à procura de pão em terras desoladas²³.

Caim não é condenado à morte, como previa a Lei do Talião²⁴. Deus age como Pai, não como juiz. A sua acção de castigar tem a função de salvar o culpado, através do castigo. O exílio devia suscitar em Caim o desejo eterno de reparar o erro cometido. E cada um que lesse ou ouvisse contar essa história deveria sentir-se como outro Caim exilado, mas cheio de esperança de encontrar um tempo de paz. Da mesma forma, a comunidade do texto quer mostrar que a lei deve recuperar o culpado e não simplesmente condená-lo.

IV. *A reconciliação* (vv. 13-16):

¹³ Então Caim disse a Yahweh:

“A minha culpa (*‘awon*) é muito pesada para suportá-la.

¹⁴ Expulsas-me hoje do solo fértil;

terei de ocultar-me longe da tua face

mos levarão a novilha para um vale de água perene, onde não se pode atravessar nem se faz sementeira, e nesse vale lhe quebrarão a nuca.⁵ Então, os sacerdotes levíticos se aproximaram, porque foram eles que o Senhor, teu Deus, escolheu para o servir e para abençoarem em nome do Senhor, e da sentença deles pende todo o litígio e todo o crime.⁶ Todos os anciãos da cidade mais próxima do cadáver lavarão as mãos por cima da novilha cuja nuca foi quebrada no vale⁷ e dirão, cada um por sua vez: ‘As nossas mãos não derramaram este sangue e os nossos olhos não o viram derramar.’⁸ Perdoa, Senhor, ao teu povo de Israel, que resgataste! Não imputes o sangue inocente ao teu povo de Israel.’ E esse sangue ser-lhe-á perdoado.⁹ Desse modo, farás desaparecer o sangue inocente do teu meio, porque fizeste o que é recto aos olhos do Senhor”.

²² Gn 3,17: A seguir, disse ao homem: “Porque atendeste à voz da tua mulher e comeste o fruto da árvore, a respeito da qual Eu te tinha ordenado: ‘Não comas dela’, maldita seja a terra por tua causa. E dela só arrancarás alimento à custa de penoso trabalho, todos os dias da tua vida”.

²³ Cf. Sl 109, 9-10; Am 9, 9.

²⁴ Dt 19, 21: “Não terás piedade: é vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé”.

e serei um fugitivo e errante (nā' wā-nād) sobre a terra;
mas o primeiro a encontrar-me matar-me-á”.

¹⁵ Yahweh respondeu:

“Quem matar Caim será vingado sete vezes”.

E o Senhor marcou-o com um sinal,
a fim de nunca ser morto por quem o viesse a encontrar.

¹⁶ Caim afastou-se da presença do Senhor

e foi morar na região de Nôd (dwn - **nod**), a oriente do Éden.

Seguindo o gênero literário, o vencido aceita humildemente as condições impostas pelo vitorioso e este, por sua vez, mitiga ao máximo o castigo.

Assim, Caim toma consciência da gravidade do seu crime. Visto que a palavra ‘awon tanto pode significar *castigo* como *culpa*, o v. 13 pode ser explicado de dois modos:

- a) a minha culpa é grande demais para suportá-la;
- b) o meu castigo é grande demais para poder suportá-lo.

De qualquer forma, está claramente expressa uma confissão da parte de Caim, com um pedido, pelo menos implícito de mitigação da pena.

Isto aparece claro no v. 14. Repetindo a sentença divina, o condenado sublinha as suas consequências: ao ser banido da terra que cultivava, isto é, do Éden, e devendo por isso ficar escondido da presença de Yahweh, ou seja, da proteção de Deus, iria ter uma vida de errante e vagabundo, correndo o perigo certo de ser vítima da vingança do sangue. Quem o encontrasse matá-lo-ia, ou seja, qualquer abelita pastor se sentiria no dever de vingar o sangue do antepassado que ainda gritava diante de Deus.

– *Mitigação do castigo*. Perante a atitude de Caim, Yahweh apressou-se a assegurar-lhe que não seria morto, ameaçando com um castigo bastante mais forte (“sete” vezes, número simbólico) o seu hipotético assassino. Para isso marcou-o com um sinal. Tendo em conta o gênero literário do texto, este sinal significa fazer parte da família do vencedor, aqui um *sinal tribal* imposto a Caim, designando-o como pertencente ao clã de Abel, a fim de ficar salvaguardado da vingança de sangue.

Caim, afastando-se daquele lugar, foi para a região indeterminada de *Nôd*²⁵, assim chamada pelo facto de que ele viveria ali como um errante (*nad*) peregrino ou fugitivo. Assim o homem foi afastando-se cada vez mais do Éden, o jardim da felicidade.

CONCLUSÃO - RESUMO

O autor bíblico faz uma leitura “actual” dos problemas da vida do povo hebreu, encontrando a sua explicação em estilo de mito do início. O conflito Caim-Abel, assim colocado, é usado para entender os conflitos familiares, mas sobretudo aquilo que o autor entende como auto-destruição do povo.

O processo de sedentarização que as tribos hebreias foram sofrendo teve como consequência a perda de vários valores que durante séculos foram fundamentais para a sobrevivência do povo.

Antes da sedentarização que, ao tempo do autor, já tinha uma história de cerca de trezentos anos, o valor fundamental, fonte de todos os outros valores, assentava na solidariedade tribal. Ao tornar-se agricultor/“Caim”, os elementos do povo perderam progressivamente o sentido de fraternidade do povo nómada/pastor (“abel”).

Para o autor, Deus não pode olhar com bons olhos a situação do povo do seu tempo, nem sentir-se agrado com o culto prestado. O povo/agricultor/Caim matou o povo/pastor/Abel.

A condição para o povo se manter na Terra prometida estava expressa no 4º mandamento “honrar o pai e a mãe”, isto é, respeitar os valores fundamentais, com a motivação “para que tenhas longa vida que o Senhor teu Deus te dá”²⁶. Porque rejeitaram estes valores, o castigo será uma vida errante, conforme foi acontecendo ao longo da história do povo hebreu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Micoli, N., *Pagine di Storia*, pp. 9-10, www.viruslibertario.it/Libri/pagine%20di%20storia.pdf.
 Testa, P. E. (1966). Il genere letterario della disputa e il racconto di Caino e Abel. *Bib. Or.* 8, 157-166.
 Vattioni, F. (1955). Il significato della radice qanah. *Riv. Bibl.* 3, 220-228.

²⁵ O hebraico *nôd* é a raiz hebraica do verbo “vaguear”, “errar” e, possivelmente, refere-se à vida nómada de Caim e seus descendentes, os cainitas. Pode interpretar-se a passagem como significando que Caim foi simplesmente condenado a vaguear pela terra para sempre e não exilado numa terra de nómadas que não é citada em nenhuma outra parte do Antigo Testamento.

²⁶ Ex 20, 12.

RESUMO

O autor anônimo do século X, de tradição javista, faz uma leitura “actual” dos problemas da vida do povo hebreu, encontrando a sua explicação em estilo de mito do início. O conflito Caim-Abel, assim colocado, é usado para entender os conflitos familiares, mas sobretudo aquilo que o autor entende como auto-destruição do povo.

O processo de sedentarização que as tribos hebreias foram sofrendo teve como consequência a perda de vários valores que durante séculos foram fundamentais para a sobrevivência do povo.

Antes da sedentarização que, ao tempo do autor, já tinha uma história de cerca de trezentos anos, o valor fundamental, fonte de todos os outros valores, assentava na solidariedade tribal. Ao tornar-se agricultor (“caim”) os elementos do povo perderam progressivamente o sentido de fraternidade do povo nómada/pastor (“abel”).

Para o autor, Deus não pode olhar com bons olhos a situação do povo do seu tempo, nem sentir-se agrado com o culto prestado. O povo/agricultor/Caim matou o povo/pastor/Abel.

A condição para o povo se manter na Terra prometida era “honrar o pai e a mãe”, isto é, respeitar os valores do passado. Porque rejeitaram estes valores, o castigo será uma vida errante, que foi acontecendo ao longo da história do povo hebreu.

ABSTRACT

The anonymous author of the tenth century, of Yahwist tradition, makes a “current” reading of the living problems of the Jewish people, finding its explanation in the myth of the beginning. The Cain-Abel conflict thus considered, is used to understand family conflicts, but mainly what the author means as the self-destruction of the people.

The sedentarization process of the Hebrew tribes resulted in the loss of several values that for centuries have been critical to the survival of the people.

Before the sedentarization which, at the time of the author, already had a history of about three hundred years, the fundamental value, source of all other values, was based on tribal solidarity. By becoming a farmers (“cain”) the elements of the people gradually lost the sense of fraternity of the nomad/shepherd (“abel”) people.

For the author, God can not look favorably upon the situation of the people of his time, nor feel happy with the service provided. The farmer/Cain people killed the shepherd/Abel people.

The condition for the people to remain in the Promised Land was to “honor father and mother”, that is, to respect the values of the past. Because they have rejected these values, the punishment will be a wandering life, that has been going on throughout the history of the Hebrew people.